

Preço avulso — 20 réis

# GRANDE FOLHA

## SEMANARIO

ILUSTRADO, LITTERARIO E THEATRAL

REDACTOR PRINCIPAL: Joaquim dos Anjos  
SECRETARIO DA REDACÇÃO: Hogan Teves

PROPRIETARIOS: — Hogan Teves, Henrique Pereira e João Costa

Redacção e Administração — Largo do Conde Barão, 50, 2.º

ASSIGNATURAS

LISBOA — Série de 15 números . . . . . 300 rs.  
FÓRÇA DE LISBOA — Série de 15 números . . . . . 400 rs.

LISBOA

14 de abril de 1904

Editor: THOMAZ RODRIGUES MATHIAS  
Composição e Impressão na Typographia d'«A EDITORA»  
Largo do Conde Barão, 50

↔ Individualidades Artísticas ↔

Amelia Pereira

Da nossa moderna geração de theatro é, decididamente a mulher quem triumphou. Mais uma victoria da graça feminina. Se amanhã, por qualquer motivo, Virginia, Rosa Damasceno e Lucinda Simões tivessem que abandonar a scena onde a primeira, já hoje, só de quando em quando nos surge como divino meteoro, haveria quem lhes recolhesse a herança gloriosa e honrasse a tradição dos seus nomes illustres. Não quer isto dizer que tenha apparecido em nossos dias uma artista de commoção comparavel a Virginia, uma *ingenua* como Rosa Damasceno ou uma actriz de alta comedia como Lucinda Simões. De fórma alguma. Quando, por infelicidade, se produziu o desagradavel acontecimento que deixei apontado, a protagonista da *Dénise* e a mãe da *Dór suprema*, de Virginia; a Suzel do *Amigo Fritz* e a Suzanna da *Sociedade onde a gente se aborrece*, de Rosa Damasceno e a Baroneza d'Ange do *Demi-Monde* e a Cypriana do *Divorçons*, de Lucinda Simões, passaram a viver no nosso espirito como saudosas imagens de entes muito queridos que tivessem abalado para a terrivel viagem de que se não volta mais. Mas é hora de duvida que Adelina Abranches, Angela Pinto, Lucília Simões e Palmyra Bastos, cada qual na sua especialidade, estão hoje em circumstancias de honrar o theatro portuguez, cuja gloria dos ultimos annos legiti-

mamente se desvanece, já, com algumas das suas creações. Mais difficil será encontrar quem succeda a João Rosa, Brazão, Augusto Rosa e Ferreira da Silva. Devendo notar-se, ainda, para reforço da minha proposição, que succeder não é substituir.

Assente, pois, que pertencem à mulher,

ctadores do nosso theatro, seja-me permitido incluir no numero, aliás muito limitado, das verdadeiras triumphadoras, aquella cujo retrato estas linhas vão acompanhar em satisfação de um pedido muito instante e muito gentil. Amelia Pereira é uma rapariga de talento que, em poucos annos, creou um nome. Trabalhando sem rumo

seguro, á mercê da organização tumultuaria das nossas companhias, ora a temos visto na interpretação das requintes litterarias dos *Degenerados*, de Michel Provins, no theatro D. Amelia, ora no Principe Real em exhibição da *Procura do badofo*, ora no Carlos Alberto do Porto, como *estrella* do drama popular amargurado e sensibilizador. Pois é necessario que essa artista se fixe, de vez, n'um genero de trabalho, qualquer que seja; — porque para todos tem aptidões de excepção, embora a superioridade se lhe denuncie no cultivo da comedia moderna de ironia e de espirito. Uma noite, ao tempo em que se ensaiavam no D. Amelia os *Degenerados*, Urbano de Castro, que traduzira essa lindissima e malfadada peça com todo o amor do seu grande espirito de artista, falando-me da proxima representação, teve esta phrase que nunca esqueci: — Os marechaes é claro que vão bem; — não podem ir melhor. Mas a Amella Pereira. . . Repare vossê na Amelia Pereira. . . E' uma revelação!

E era, na verdade, uma revelação o trabalho d'essa rapariga despretençosa e simples que assim cahia de chofre na requintada psychologia da obra intensa de Provins, trazendo como passaporte para a ousada viagem emprehendida o desempenho de



AMELIA PEREIRA

por direito de conquista e não, apenas, por homenagem devida ao seu sexo, as honras da primazia na moderna phalange dos lu-



algumas operettas da Rua dos Condes. Uma rara intuição artística, ao serviço de uma vontade de ferro que mal parece abrigar-se em corpo tão delicado e franzino, realisára o milagre. Breve, porém, se quebrou o encanto, porque Amélia Pereira, depois de representar, ainda, no D. Amélia, alguns papeis importantes, como, por exemplo, o da *ingenua* do *Marquez de Villemer*, sabiu d'alli para voltar aos theatros secundarios em que tem malbaratado um formoso talento de actriz moderna. É assim é que vamos encontrá-la na Rua dos Condes desempenhando o papel da esposa do major do *Cão do Inglez*, que marca outra phase da sua vida artistica. A maneira como foram accentuados por Amélia Pereira, n'essa peça, em todos os pormenores de intenção, os *couplets* da *questão politica*, seria sufficiente para afirmar uma actriz da escola de Anna Pereira e de Lucinda do Carmo. Depois dos trabalhos modelares d'estas duas artistas nunca se ouvira *dizer* um *couplet* d'aquelle modo. Amélia Pereira succedia, directamente, a Lucinda do Carmo como esta succedera a Anna Pereira n'esse genero leve, espumoso e scintillante, que tende a desaparecer á mingua de cultores. E a impressão que o publico experimentou n'essas recitas da operetta de Gavaut e Fiers acaba de reproduzir-se perante o trabalho de Amélia Pereira na revista do theatro Avenida a que tenho ligado o meu nome e que a illustre actriz esmalta, em todos os actos, com o poder da sua graça communicativa e com a frescura da sua radiosa mocidade.

MELLO BARRETO.

2005

## Primeiras representações

### Theatro de D. Maria II

*Terra Mater*, peça em um acto, original do sr. Augusto de Lacerda. — *Os filhos alheios*, traducção feita da peça em tres actos, de Brioux, *Le Berceau*, pelo sr. Portugal da Silva.

Habitados desde ha muito á cozinha litteraria franceza, que nos é servida em quasi todos os theatros, temperada e posta tanto quanto possível ao paladar indigena pelos nossos mais afamados cozinheiros litterarios, já extranhámos, por ser raro, quando entre as muitas iguarias que nos vão ser fornecidas, figura um prato genuinamente portuguez.

Ora na lista, ou antes no cartaz em que a empresa do theatro normal annunciava de que se compunha o espectáculo do sabbado ultimo, figurava um original portuguez, o que seria já por si o bastante para aguçar o nosso appetito, se não houvesse tambem a excitação a reaparição de Palmyra Bastos, a estimada artista que, com o seu maleavel talento, tanto se tem imposto á admiração dos frequentadores dos nossos paleos.

Tudo pois nos surprehendia pela novidade, ao mesmo tempo que produzia em nós uma sensação analogá á que deve experimentar quem depois de por muito tempo ter ingerido pratos da cozinha franceza ou allemã (as que actualmente predominam) se sente subitamente transportado a um local onde lhe servem um manjar genuinamente portuguez.

Como estylo e como linguagem, a peça *Terra Mater* é digna dos maiores elogios e tem bellezas bastantes para lhe resgatar todos os defeitos que possui. Ha n'ella que admirar a belleza da architectura, a boa disposição das scenas, e sobretudo o final que sem recorrer a phrases bombasti-

cas vem apenas com uma idéa arrancar o entusiasmo á platéa.

O defeito principal que lhe notámos consiste n'umas certas longuras que o auctor poderia perfeitamente ter dispensado e que, retardando um tanto a acção da peça, lhe dão como que uma certa frieza. Tem scenas excessivamente compridas e que se fossem diminuidas não sómente não faziam perder em coisa alguma o merecimento á obra, como tambem augumentariam o interesse ao espectador. Repetimos que apesar do defeito apontado, innumerables bellezas se encontram n'este trabalho do sr. Augusto de Lacerda, porque a *Terra Mater* não é unicamente uma peça feita por um homem de talento, é ainda mais do que isso: é, e sobretudo uma peça feita por um homem de bom senso, e esta qualidade dá-lhe tanto mais valor, quanto ella dia a dia se vai tornando mais rara.

O enredo da *Terra Mater* resume-se no seguinte: *Luiz Vieira* (Fernando Maia) e sua mulher *Eugenia* (Augusta Cordeiro), tendo gasto irreflectidamente em luxo as fortunas que haviam herdado de seus paes, foram contrahindo dividas que amortizavam com dividas novas, recorrendo para isso a um agiota, o sr. *Felix* (Cardoso Galvão), que vendo em risco o capital adiantado vem procurar *Luiz Vieira* para lhe dizer que não pode esperar mais pelo pagamento do que lhe devem, e que lhe vai penhorar a casa, se até ao dia seguinte não liquidar com elle o seu debito. Em casa de *Luiz Vieira* acha-se hospedado seu tio *Christovam* (Ferreira da Silva), lavrador honrado que adora as suas terras, vivendo d'ellas pelo seu trabalho e que dedica especial affeição a sua sobrinha *Manuela* (Cecilia Machado), filha unica de *Luiz* e de *Eugenia*. Tem por ella tal amizade que vein para a ir buscar no recolhimento e levá-la, assim como aos paes, a passar as férias na aldeia. E' tambem muito da casa dos *Vieiras*, *Joaquim Fernandes* (Joaquim Costa), seu visinho, homem que esteve muitos annos em Africa, onde adquiriu bens de fortuna, o que lhe permite uma vida desafogada.

Tanto a este como a *Christovam* já por varias vezes o *Vieira* tem recorrido: mas o caso é urgente, a situação não pode manter-se assim por mais tempo, e elle resolve-se novamente a pedir ao tio, que terminantemente se recusa a dar-lhe mais dinheiro. *Eugenia* então, a occultas de todos, lembra-se de pedir ella propria ao visinho *Fernandes*, que aproveita a occasião para lhe fazer as mais injuriosas propostas, que *Eugenia* não tem coragem de repellir.

Esta quédá imminente é impedida por *Manuela*, que volta do recolhimento e que ao deparar com os olhos da mãe cheios de lagrimas, attribue essa tristeza á data d'aquelle dia em que fuzia annos que tinha fallecido a avó, de quem se vê sobre uma banca o retrato, descreve a agonía e as suas ultimas palavras em que recommendava á filha: «*Eugenia*, minha filha, se sempre honesta!»

*Luiz Vieira*, acabrunhado e triste, pensa no suicidio, pensamento que o tio rapidamente destroe, propondo que immediatamente abandonem todos aquella casa e vão viver com elle para o campo, onde a terra, mãe generosa e boa, lhes restituirá o socego e a riqueza, provenientes dos trabalhos do amanho e de uma vida despida das futilidades perigosas.

Dadas ao eriado as ultimas ordens, dispõem-se a partir, quando *Felix*, o credor implacavel, volta a buscar a resposta e a quem o *Vieira* sem mais expliações responde que penhore, venda e faça o que quizer, porque lhe pagará tudo quanto lhe deve a elle e a todos os outros, com o producto do seu trabalho. *Eugenia*, ainda na balbardia da repentina partida, volta atraz e vem buscar, levando-o no se o, o retrato da mãe, aquella que nos seus ultimos momentos tanto lhe tinha recommendado a sua honestidade.

O desempenho satisfaz nos completamente por parte de Ferreira da Silva que nos deu um bom typo de agricultor, homem de bom fundo e sincero. Augusta Cordeiro, elegantemente vestida, deu-nos uma *Eugenia* excessivamente hysterica, mas muito fria, faltando-lhe um boadinho mais de fogo nas scenas mais intensas. Os outros artistas esforçaram-se por não desmanchar o conjunto.

Seguiu-se a representação da peça *Le berceau*, que o sr. Portugal da Silva traduziu para portuguez com o titulo de *Os filhos alheios*.

E' uma peça de these, em que o seu auctor se propõe demonstrar que quando de um matrimonio ha filhos, não ha divorcio que o possa tornar indissolvel, porque os filhos são como que o traço de união que eternamente ha de unir o paé á mãe.

Ouvido com attenção o primeiro acto, torna-se

quasi desnecessario ouvir os dois restantes, porque o espectador fica perfeitamente ao facto do que posteriormente se vai passar. Tem apenas que admirar n'esses actos algumas scenas magistraes, scenas onde o dialogo é litterariamente bem conduzido, e que produziriam certamente muito melhor effeito e muito mais agradariam se a traducção não tivesse algumas incorrecções. Não queremos com estas considerações melindrar o traductor, a quem aliás não conhecemos, e de quem já temos tido occasião de admirar melhor trabalho.

Palmyra Bastos, que fez a protagonista, tendo de arcar com as mil difficuldades com que Brioux compoz tal personagem, sabiu-se airoosamente, dando provas mais uma vez de quanto valem o seu talento e o seu estudo. No primeiro acto principalmente, teve scenas admiravelmente bem desenhadas, sendo justissimos os applausos com que o publico coroou o seu trabalho. E' artista com quem se pôde contar, e a quem está reservado um brilhante futuro.

Os outros interpretes, Ferreira da Silva, Fernando Maia, Carlos Santos, Joaquim Costa, Carolina Falco e Luiz Velloso, limitaram-se a estudar os seus papeis, e a fazerem todo o possível para agradarem. Mas... pareceu nos que d'esta vez não o conseguiram completamente, apesar de lhes não faltarem bastos recursos, de onde poderiam tirar mais proveito.

H. T.

### Theatro do Rato

*Beijos... de burro*, revista em tres actos, original de Eduardo Fernandes (*Esculapio*) e Cruz Moreira (*Caracoles*).

Na passada sexta feira subiu á scena no theatro do Rato esta engraçada revista que logo desde o começo conseguia alcançar o agrado do publico. O nome dos seus auctores, dois rapazes de conhecido merito e de graça incontestavel, era segura garantia de valor da peça. E não desmentiram os seus credits.

O primeiro quadro, passado nas forjas de Vulcano, é realmente bem feito. E os do jornal e da repartição publica, sobretudo este ultimo, estão escriptos com muito espirito.

Contribuiu muito para o exito da revista o brilhante desempenho da netriz Jesuina Marques, que na personagem *A brandura dos nossos costumes* atravessa toda a peça e a anima com a sua graça natural e os seus grandes recursos artisticos. Coadjuvam-na louvavelmente, Santos Junior, Peixoto, Carreira, Humberto de Amaral e os outros actores, que formam um conjunto apreciavel.

Os auctores receberam farta colheita de applausos, a que nos associamos do melhor grado.

A musica da revista é do maestro Manuel Benjamin.

J. A.



## MOVIMENTO THEATRAL

E' no proximo dia 19 que realisa a sua festa artistica no theatro D. Amélia o estudado actor Chaby Pinheiro, subindo á scena a empolgante peça de Dumas, *Francillon*. Nos intervallos far-se-hão ouvir o barytono portuguez D. Francisco de Sousa Coutinho (Redondo) e os primeiros artistas do theatro D. Amélia que recitarão alguns monologos.

Conforme haviamos dito, realisou-se na segunda feira passada, no theatro Avenida, a festa artistica do actor Salvaterra, subindo á scena a comedia em um acto do sr. Moura Cabral, *Paris em Lisboa*, e a operetta *Intrigas no bairro*, talvez a melhor producção theatral do estimado escriptor sr. Luiz de Araujo.

Encarregara-se o beneficiado de fazer n'esta operetta o papel do *mestre Jacintho, sapateiro*, e francamente, se o seu trabalho não foi um deslumbramento, admirou nos bastante porque não esperavamos tanto. A scena da embriaguez, por exemplo, foi até muito bem feita. Secundaram-n'o muito regularmente os outros artistas.

Na comedia *Paris em Lisboa* tivemos occasião de ouvir o actor Portulez, que no affectado



papel de *Alvaro* em nada deamereceu os seus creditos, assim como *Amelia Pereira*, sempre graciosa, e dizendo muito bem a phrase.

Foi uma noite bem passada, sendo Raphael Salvatore muito applaudido e brindado pelos seus amigos, applausos a que gostosamente nos associamos.

N'um dos intervallos, o amador sr. Abilio Guimarães fez algumas imitações, distinguindo-se porém nas dos actores Santinhos e Joaquim d'Almeida, a primeira principalmente que é tudo quanto temos visto de mais perfeito, e o actor Ricardo Salgado, tambem disse o monologo **O cahos**, sendo ambos muito applaudidos.

\*. E' com a **Capital Federal** que realisa hoje no theatro da Trindade a sua festa artistica a actriz Medina de Souza. N'um dos intervallos será cantado o duetto de **Barba Azul** pela beneficiada e pelo actor Queiroz.

Sabemos que os admiradores de Medina de Souza lhe prepararam uma festa animada, á qual se juntarão brinde, flores, e applausos.

\*. Já entrou em ensaios no theatro da Trindade a operetta **A preta do mexilhão**, parodia á **Aída**, original dos nossos presados amigos e collegas ars. Eduardo Coelho e Pedro Pato, com musica dos conhecidos maestros Nicolino Milano e Julio Neuparth.

Os principaes papeis foram assim distribuidos: *Benvenida, a preta do mexilhão*, (Aída), Theresia Mattos; *D. Acmeneres* (Amneris), Amelia Barros; *Cebos aos pés* (Radamés), Almeida Cruz; *Pae Paulino*, (Amonastro), Queiroz; *Xé Chinfrim* (Raphael), Alfredo de Carvalho; *Etióp* (rei Phuracó), Santinhos; *Come e dorme*, Gomes.

\*. Em beneficio do ponto ar, Candido Gualdino subiu á scena em *reprie*, no ultimo dia 6, no theatro D. Amelia, a encantadora peça **Madame Flirt**, peça cujo desempenho por parte de todos os artistas nos deixou bem desagradaveis impressões. Chega a parecer impossivel que artistas de firmada reputação, como são os que actualmente pisam o palco d'este theatro, se prestem a ir para a scena sem se darem ao incommodo de recordarem os seus papeis, o que os força a fazer a figura que non seria aceitavel em artistas mediocres.

Deve ter-se um pouco mais de contemplação com o publico e não abusar tanto da sua bondade.

\*. O estimado actor Mattos, que actualmente faz parte da companhia do theatro da Trindade, foi escripturado pelo sr. Souza Bastos para a proxima época no theatro Avenida.

\*. No passado domingo, 10 do corrente, regressou de de Montemor-o-Novo o habil e intelligente ensaiador Alfredo Soller. Foi ensaiar os amadores d'alli para a representação da parodia do Esculapio, **A capital de Portugal**, e tinha antes ido a Coimbra, para onde fora convidado a ensaiar a recita dos quintanistas. Os jornaes d'estas duas localidades tecem grandes louvores ao seu merito artistico, pelo que sinceramente o felicitamos.



Silva Pereira

Ser-nos-hia porcerto mais grato ter ensejo para exaltar um novo successo do sympathico artista que carpir a sua morte.

Amigos d'elle desde a nossa mocidade, como o foram todos quantos o conheciam e as platéas que o viram representar, tivemos ante-hontem a dolorosa noticia do fallecimento do velho actor, na capital, onde nasceu, quando o suppunhamos em plena e alegre digressão pelo norte do paiz, por onde anda agora a companhia do José Ricardo, da qual fazia parte.

Um dos raros artistas dos famosos tempos de Emilia das Neves e de Tasso, de Mangela Rey e de José Carlos dos Santos, o contemporaneo do glorioso Taborde, iniciou a sua carreira no antigo theatro da rua dos Condes, de onde passou para o Gymnasio em 1863, conservando-se alli até 1872, data em que partiu para o Brasil, e lá permaneceu nove annos, determinadamente no Rio de Janeiro, na mesma época do florescimento do nosso grande Raphael Bordallo Pinheiro e do chorado Cyrillio Cardoso, compositor e instrumentista de aptidões não vulgares.

No regresso das terras de além-mar, entrou Silva Pereira para a Trindade, renovando-se a sua popularidade na comedia *Piperlin*, passando d'alli para o Gymnasio, e consecutivamente para o D. Amelia e para o moderno Rua dos Condes, entrementando as

temporadas com passeios ás provincias e ao Rio de Janeiro, que visitára ainda o anno passado, com a companhia de que eram empresarios José Ricardo e Luiz Pereira e cujo exito financeiro foi verdadeiramente fabuloso, o que corresponde a um incomparavel successo theatral.

Querido dos amigos, dos collegas e do publico, não foi verdadeiramente dos que mais tem contribuido para o brillantismo do theatro portuguez, posto que colheesse sempre farto quinhão de applausos nas peças em que entrava, mórmente desempenhando papeis de genero comico, por certo os que melhor se casavam com a sua indole folgazã; mas contribuiu muitissimo, com o seu exemplar procedimento, para a dignificação da classe a que pertencia e que elle honrou sobremaneira.

Era honrado e probe, primoroso no trato, discreto, incapaz de uma deslealdade, optimo camarada, avesso a intrigalhas de bastidores, de uma dedicação rara pelos amigos, e no seu animo generoso nunca se abrigou a inveja pelos triumphos que os collegas alcançavam, pois era sempre o primeiro a exalçar os, e até a defendel-os com calor se porventura algum ousava deprimir os seus meritos ou denegril-lhes o caracter.



Silva Pereira

Não tendo no sangue o virus da inveja, não podia ser odiento; e até os naturaes resentimentos por qualquer injustiça que lhe ferisse a melindrosa susceptibilidade, porque era de uma excessiva delicadeza de sentimentos, não lhe provocavam nunca explosões de cólera; limitava-se, quando muito, a um simples desabafo com os intimos. Trovejava, porém, de indignação se a victima era um collega, ou um amigo, não se contentando até mesmo quando se tratava de extranhos. Uma joia!

Homem modelar, affectuoso, alegre, dotado de uma grande vivacidade de espirito, o que o tornava conviva impagavel na mesa de rapazes ou nas casas de familia, foi por isso que o extinto e cavalheiroso Silva Pereira mereceu sempre, incondicionalmente, o apreço de quantos o conheciam, e agora o pranteiam. Era sempre bemvindo, onde quer que apparecesse, e não havia porta que se lhe fechasse. Em todas as camadas sociais contava amigos sinceros, e o seu genio prazenteiro expandia-se por igual entre as gerações que viu nascer e aquellas a cujo passamento assistiu, attingindo, porém, a maxima amplitude quando o bello sexo se fazia representar, pois tinha requintes de gentileza para as damas.

Todos quantos privavam com Silva Pereira já-mais esquecerão o finissimo quilate da sua bella alma, a distincção das suas maneiras, a natural affabilidade que o caracterizava, a irresistivel atracção que elle exercea em todos os circulos de que era frequentador e que por seu turno o estreitavam nos laços da mais carinhosa e enthusias-tica sympathia, quando não era nos hames da mais sincera e devotada amizade.

O popular artista procurava suavisar no conforto da familia os ultimos annos da sua existencia. Ha cêrea de quatro annos, casara. E foi realmente feliz, porque encontrou uma esposa digna do seu nome, e de quem houve uma filhinha, que era o seu enlevo, o seu encanto.

Silva Pereira contava sessenta e cinco annos de idade, e a sua morte sobreviou inesperadamente.

Paz á sua alma, que bem o merece quem tão virtuoso foi na vida.

NAPOLEÃO TOSCANO.

## Os amadores dramaticos nos theatros publicos

IV

Antes de entrarmos propriamente no assumpto que desaseombradamente aqui temos tratado, vamos transerever na integra duas cartas, cujos contidos aniquillam completamente as insidias e intrigas que algum de mau gosto se lembrou de tecer em volta de nós.

Expomos assim abertamente este caso á consideração dos nossos estimaveis leitores, que certamente nos farão a devida justiça.

Lisboa, 8 de abril de 1904.

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director d'*A Folha do Povo*

Lisboa

N'*A Folha do Povo*, jornal que V. Ex.<sup>a</sup> tão superiormente dirige, vem publicado no n.º 6:699 do 1 do corrente um artigo com a epigrapho *Os amadores dramaticos* que, por ser da indole d'aquelles que eu tenho escripto n'*O Grande Elias*, tem feito supôr a algum que foi escripto por mim, ou então escripto por outra pessoa, mas a meu pedido.

Rogo-lhe portanto, sr. Director, a especial fineza de me mandar dizer, caso seja possivel: 1.º Quem é o auctor do referido artigo. 2.º Se fui eu quem influí no espirito do seu auctor, pedindo-lhe que escrevesse n'esse sentido.

Pedindo-lhe mais me auctorisae a tornar publica a sua resposta que com impaciencia aguardo e que antecipadamente agradeço, tenho a honra de me subscrever com particular consideração

De V. Ex.<sup>a</sup>

M.<sup>o</sup> Att.<sup>o</sup> V.<sup>o</sup> Cf.<sup>o</sup> Obg.<sup>o</sup>

F. HOGAN TEVES.

Lisboa, 8 de abril de 1904

Sr. Hogan Teves

Presado collega

Pergunta-me V.: — 1.º quem é o auctor d'un artigo com a epigrapho *Os amadores dramaticos*, publicado na *Folha do Povo* de 1 do corrente; 2.º se influí no espirito do auctor do referido artigo para este ser publicado.

Gostosamente respondo:

1.º — O artigo é, como todos os que dizem respeito a assumptos de theatro, do nosso collega encarregado da respectiva secção.

2.º — V. nem proxima nem remotamente exerceu influencia no espirito do nosso collega, cuja independencia de caracter e de opinião está em permanente rebeldia com suggestões de qualquer natureza.

Pode V. fazer d'esta resposta o uso que julgue conveniente.

Sou com muita consideração

De v.

J. SOUSA JUNIOR.

Liquidado assim este incidente, proseguimos, com toda a paz de espirito, a desenvolver as considerações esboçadas nos artigos precedentes condemnando a invasão ultimamente dada, pelos grupos de amadores dramaticos, nos theatros publicos.

Alguem nos afirmou ha dias que por vezes os amadores dramaticos chegam a pagar aos artistas do theatro onde vão dar a recita, como se elles realmente trabalhassem, e que, com tal procedimento, não ficavam lesados os individuos que vivem exclusivamente do theatro. Admittindo como verdadeira tal hypothese, isto nada mais vem fazer do que demonstrar o elevado grau de vaidade dos referidos amadores. Pois se até pagam para, empoleirados n'este requinte de generosidade, se imporem!

Mas deixem-se d'isso. Representem apenas nos seus clubs, não saiam do seu meio, e assim já se não sujeitarão á critica aberta e livre que tem de ser feita aos seus merecimentos, desde que se apresentam perante aquelles que frequentam os theatros publicos.



## Echos da semana

Faz annos, na proxima segunda feira, o actor João Rosa, o grande e talentoso artista tão querido e admirado do publico, que vê n'elle o vulto talvez mais importante do theatro portuguez, onde sempre se soube impôr pelo seu trabalho correctissimo e pelo seu espirito superior e culto.

Lembrando o proximo dia 18, *O Grande Elias* nada mais faz do que prestar uma justa homenagem a João Rosa, enviando-lhe as suas saudações.

Fez hontem cincoenta e oito annos que foi definitivamente inaugurado o theatro de D. Maria II, subindo á scena o drama historico em cinco actos *Alvaro Gonçalves, O Magriço e Os doze de Inglaterra*.

O theatro foi começado a construir a 7 de julho de 1842, sob a direcção de Fortunato Lodi, que foi quem fez o risco.



## Tauromachia

## Praça do Campo Pequeno

2.ª corrida

Effectuou-se no ultimo domingo, n'esta praça, a segunda corrida da época, agradando no conjunto aos aficionados.

A praça não tinha a enchente do dia da inaugura-

ção, mas a concorrência foi no entanto grande, estando os logares de bancada quasi todos occupados. Os logares caros é que fraquejaram d'esta vez.

Os touros, comprados pela empresa ao sr. Marquez de Castello Melhor, se não fizeram proezas ao ponto de termos que elevar o nome do *ganadero* até ás nuvens, houveram-se no entanto alguns, como o segundo e o terceiro, especialmente, por fórma que honraram a divisa da casa.

Toureado a cavallo, tanto José Bento como Fernando de Oliveira collocaram alguns ferros de valor, mas em pequeno numero se attendemos ao nome de que gosam. Ambos os artistas estão ainda longe de estar bem montados, prejudicando-lhes isso muito o luzimento do trabalho.

Entretanto, estando um e outro distanciados dos seus creditos, a nosso vêr, como já dissemos, n'esta corrida, foi José Bento quem mais nos agradou (que tambem em verdade teve a fortuna de lhe caberem os melhores touros dos destinados aos cavalleiros), pois além de se esforçar por variar a lide, citou bem algumas sortes e esteve valente.

O *espada* da tarde foi o cordovez Rafael González, *Machaquito*, que fez ultimamente as delicias dos aficionados do Mexico, continuando agora em Lisboa a sustentar o bom nome que alli deixou e que adquiriu em Hespanha rapidamente pela sua muita valentia.

O seu trabalho de muleta no segundo, e terceiro, em que citou a *receber*, foi magnifico, entusiasmado verdadeiramente o publico, que o aclamou com delirio em continuas ovações. No quinto e sexto já esteve menos afortunado, principalmente no sexto em que soffreu dois desarmes. Em bandarilhas não conseguiu salientar-se.

Esteve sempre muito trabalhador, destacando-se por vezes coadjuvando os cavalleiros.

Dos bandarilheiros, couberam sem favor as hon-

ras da tarde a Jorge Cadete. O seu trabalho no segundo foi superior, lembrando-nos aquelles tres bellos pares, um a cuarteo e dois a sesgo, os seus tempos antigos, em que adquiriu justa fama.

Theodoro, ponceo feliz com as bandarilhas. Na *brega*, superior, como sempre.

Silvestre, com a costumada boa vontade, começando por executar um cambio á sahida do terceiro, no qual deixou um par desahido. Se não foi muito feliz na collocação, demonstrou no entanto que deseja avançar, e por isso o publico o applaudiu sem reservas. Depois collocou dois bons pares a cuarteo.

Saldanha, tres pares, mas dois principalmente de valor.

Rocha, nada pôde fazer, o que não admira, pois não teve touro: o que lhe coube foi o sétimo, o *manso* da tarde.

Dos hespanhoes, *Patatero e Camará*, melhor o primeiro, que foi o *Patatero* de sempre.

Os forcados... a mesma coisa.

A direcção, regular.

C. A.

## A terceira corrida

No domingo temos os *espadas Morenito d'Algeiras e Layartijillo chico*.

Os touros são de Corroia Branco.

Eis a distribuição:

1.º touro, para Fernando d'Oliveira; 2.º, para Theodoro e Manuel dos Santos; 3.º, para os bandarilheiros hespanhoes; 4.º, para Simões Serra; 5.º, para Theodoro e Thomas da Rocha (*Intervalo*); 6.º, para Fernando d'Oliveira; 7.º, para os bandarilheiros hespanhoes; 8.º, para Manuel dos Santos e Rocha; 9.º, para Simões Serra; 10.º, para os bandarilheiros hespanhoes.


Este programma pôde ser alterado por qualquer motivo imprevisto.



### J. SANTOS ROCHA

Rua de Arsenal, 98

Grande sortimento de bilhetes postaes illustrados — Sellos para colleções — Tabacos nacionaes e estrangeiros — Illustrações estrangeiras — Assigmentura permanente de figurinas para homens e senhoras.



### "A EDITORA"

SOCIÉDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Antiga Casa DAVID CORAZZI

Premiada em varias exposições

Grande variedade de obras litterarias e scientificas nacionaes e estrangeiras  
(Catalogo de 1902 — Gratia)

Grandes officinas a vapor

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS E LITHOGRAPHICOS

em todos os generos  
comprehendendo execução ou composiçào  
de desenhos e aquarelhas

Cartonagens e encadernações  
em percalinas, pelles ou tecidos de seda  
Modelos communs de grande phantasia

PERFECTO ACABAMENTO — BOM GOSTO — PONTUALIDADE

Preços modicos em todos os trabalhos

PORTUGAL — CORDEIRO — LISBOA  
Endereço telegraphico-TYPOEDITORA



### Lanternas

Para illuminação de estabelecimento. — 2\$000 réis por maz, incluindo gaz, manga, lanterna e consola.

Pedidos á

SOCIÉTÉ ANONYME D'ECLAIRAGE INTENSIF

Rua de Craxilho, 110 — LISBOA



### FABRICA NACIONAL PAPEIS PINTADOS


de DIAS TEIXEIRA &amp; C.ª

Papeis pintados para forrar casas, papeis mates, (couches e lustro, etc., para Lithographia, Typographia, Photogravura, Encadernação, Cartonagens, etc.

Depositos para venda a retalho: José Naveiro d'Aguiar & C.ª (E.ª), 13, Avenida da Liberdade, 17; José Miguel dos Santos em C.ª, 102, Rua Nova do Almada, 104.

DEPOSITO GERAL E RECEPTORIO

25, RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 27 — LISBOA



### MECO & IRMÃO

DEPOSITO de

PAPEIS DE IMPRESSÃO

20, 21, 22, Largo da Abegouaria, 23, 24, 25

LISBOA



### FABRICA NACIONAL


ou

= Tintas typo-lithographicas

CANDIDO AUGUSTO DA COSTA

DEPOSITO

Rua Ivens, 70 — LISBOA



### Santos, Vieira & C.ª

### Romeu e Julieta

Todos conhecem estes dois nomes como sublimos modelos de amantes desditosos. A historia d'esses amores colobres acha-se descrita no romance *Romeu e Julieta*, inspirado na tragedia de Shakespeare. Edição com gravuras. Cada fasciculo 50 réis, cada tomo 200 réis. Empresa Litteraria Fluminense, Rua dos Fretoszeiros, 125 — Lisboa.